

PREFÁCIO

Anete Susana Weichselbaum (UNESPAR)
Coordenadora do Comitê Científico e Organizadora dos *Anais*.
anetesusana@gmail.com

Com muita satisfação, a sexta edição (Vol. 6/2021) dos *Anais* do Simpósio Acadêmico de Flauta doce da Embap traz três textos que fazem parte da apresentação dos palestrantes convidados e sete artigos submetidos à avaliação do Comitê Científico do evento.

O presente evento foi coordenado pela professora Dra. Noara Paoliello (UNESPAR) e, neste ano, apesar das limitações impostas pela pandemia do Coronavírus e, por constituir-se em um evento realizado de forma *online*, pudemos contar com a colaboração de importantes profissionais da flauta doce, atuantes em diferentes regiões do país e também do exterior.

O texto “A primavera da flauta doce no outono da Idade Média” inicia a primeira seção, a de convidados, com a palestra de abertura do evento, proferida pelo flautista e pesquisador da música medieval Dr. Pedro H. Novaes (UNIRIO), que aborda aspectos organológicos do instrumento flauta doce (e similares) no final da Idade Média. O autor recorre a fontes iconográficas e textuais, e apresenta características e singularidades de quatro instrumentos remanescentes encontrados.

Na sequência, temos os textos resultantes da mesa-redonda “A flauta doce na Espanha, Portugal e suas colônias nos séculos XVI e XVII” do convidado internacional Dr. David Lasocki (Professor Emérito da Indiana University, EUA), da professora Dra. Patrícia Michelini (UFRJ) e da flautista e pesquisadora Me. Giulia Tettamanti (UNICAMP), textos estes que nos dão uma amostra de uma futura publicação dos autores.

Contamos também com o texto da mini palestra que abordou a pertinência e as contribuições da prática da monitoria no ensino superior em música e sua necessária adaptação às atuais formas de ensino remoto de instrumento durante a atual pandemia. A fala foi coordenada pela professora Dra. Patrícia Michelini Aguiar (UFRJ) e contou com a participação de acadêmicos, bolsistas e voluntários, oriundos de cursos de Licenciatura em Música e Musicoterapia, que expuseram aspectos relacionadas aos desafios e conquistas obtidos com os recursos síncronos e assíncronos desenvolvidos e utilizados nas oficinas de flauta doce.

Iniciando a seção de comunicações, o texto intitulado “A construção coletiva de um guia de métodos para flauta doce”, de Patricia Michelini Aguilar (UFRJ), Luiza Magalhães Mesquita e Anderson Tiago Silva Rodrigues, provavelmente interessará muitos docentes e estudantes de flauta doce que desejem consultar sobre amplo material publicado para o instrumento em língua portuguesa, ou com tradução para o português. O texto apresenta e analisa as etapas estabelecidas neste projeto de extensão universitária, que envolveu participantes e monitores, segundo o princípio da cooperação, visando a efetivação do guia que pode ser consultado *online*.

A investigação em andamento de Tatiane Wiese Mathias (UNESPAR/UFPR) e Rosane Cardoso de Araújo (UFPR) se volta para a prática da flauta doce referenciada, de forma inédita, em duas teorias que são: os estudos de autorregulação, com base na Teoria Social Cognitiva (TSC), de Albert Bandura e a Teoria do Fluxo, de Mihaly Csikszentmihalyi. O recorte escolhido pelas autoras para o presente texto abordou a prática da flauta doce a partir da fala de um estudante de nível adiantado, e visou investigar e analisar elementos da experiência de fluxo e autorregulação encontrados na sua prática.

Nessa edição contamos com interessantes pesquisas baseadas em levantamentos de acervos fonográficos e/ou de partituras, que apontam para características idiomáticas voltadas a contextos bastante diversificados quanto ao emprego da flauta doce. Inicialmente, no cenário internacional, que abrange o Rock progressivo dos anos 60 e 70, Alcimar do Lago Carvalho analisa acervo de 100 gravações de discos de vinil (*Long Plays*) e compactos, bem como de arquivos digitais, no qual o autor consegue mapear bandas, gêneros, estilos, artistas, flautas mais usadas, analisa e mostra em gráficos algumas ocorrências e, ao final, consegue estipular quatro hipóteses sobre possíveis motivos da apropriação da flauta doce nesse contexto.

Daniele Cruz Barros (UFPE) e Maria Aida Falcão Santos Barroso (UFPE) apresentam o texto intitulado “Música Armorial: Flauta doce e cravo em conexão com a música nordestina”. Trata-se de uma pesquisa em andamento do Duo Alfenim, que levanta repertório e propõe transcrições, de forma a considerar características idiomáticas da formação com flauta doce e cravo, respeitando-se uma estética baseada no Movimento Armorial. O recorte exposto pelas autoras com a música *Forró do Salu* exemplifica tal proposta.

A temática da música nordestina, em especial a pernambucana, ainda se faz presente por meio de artigo de pesquisa de mestrado intitulada “Frevendo: caderno de frevos para flauta doce

e cravo”. Anderson Tiago Silva Rodrigues (UFRJ) analisa possibilidades da escrita e execução idiomática destes instrumentos voltados ao gênero popular do frevo, destacando características melódicas, rítmicas e percussivas na flauta doce. O levantamento e a seleção de repertório apontam para seis peças musicais que contam com análise musicológica, transcrição e adaptação de arranjos, os quais visam trazer ao intérprete informações relevantes para a compreensão e a execução deste gênero.

A pesquisa de Lucas Barbosa da Silva (UFRGS) e Lucia Becker Carpena (UFRGS) volta-se para a análise idiomática e para o levantamento de “Choros compostos originalmente para flauta doce”. A abordagem multiestratégica incluiu deste a busca em publicações, discografia, bem como o contato direto com compositores e flautistas. Até o presente momento, os autores identificaram 42 obras, cuja catalogação poderá contribuir para uma maior visibilidade do repertório desse gênero e uma maior facilidade de acesso pelos flautistas.

O décimo texto, de Daniel Figueiredo (IA – UNESP), intitulado “Soluções para combinações de flautas doces renascentistas em *consort*”, aborda a importância, para o intérprete, da compreensão da lógica explicitada nos tratados voltados ao instrumento (século XVI e começo do século XVII). Os questionamentos sobre o tema transformam seu texto em uma útil reflexão acerca das combinações possíveis de instrumentos do *consort* para a execução de repertório da Renascença.

Por fim, faz-se menção especial ao trabalho empreendido pelos professores doutores que participaram como pareceristas nesta edição do evento, corpo representativo de docentes e pesquisadores representativos da performance, ensino e dos estudos musicológicos do instrumento, de norte a sul do Brasil, com quem só temos a agradecer a parceria.

Esperamos que todos tenham uma excelente, enriquecedora e prazerosa leitura.